

 Lendo a Bíblia

Coleção **LENDO A BÍBLIA**

- *Lendo o livro dos Salmos: a lei orante do povo de Deus*, Carlos Mesters
- *Lendo o livro de Lamentações: solidariedade e ternura em meio à tragédia*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Joel: profecia em defesa da vida*, Luiz Alexandre Solano Rossi; Natalino das Neves
- *Lendo o livro de Miqueias: profecia de julgamento e de promessa*, Shigeyuki Nakanose
- *Lendo o livro de Naum*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro de Sofonias*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do Reino*, Jaldemir Vitório
- *Lendo o Evangelho segundo João: para que todos tenham vida*, Pedro Lima Vasconcellos
- *Lendo as cartas aos Coríntios: unidade, diversidade e autoridade na comunidade cristã*, Jonas Machado e Sebastiana Nogueira
- *Lendo a carta aos Gálatas: em defesa da liberdade cristã*, Jonas Machado
- *Lendo as cartas de João: quem ama permanece em Deus-Amor*, Pedro Lima Vasconcellos

Shigeyuki Nakanose, svd

Lendo
O LIVRO DE MIQUEIAS
Profecia de julgamento e de promessa



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nakanose, Shigeyuki

Lendo o livro de Miqueias : profecia de julgamento e de promessa / Shigeyuki Nakanose. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Lendo a Bíblia)

ISBN 978-65-5562-795-4

1. Bíblia. A.T. Miqueias - Comentários 2. Bíblia – Estudo e ensino
I. Título II. Série

23-0015

CDD 224

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. A.T. Miquéias - Comentários

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*

Gerente de design: *Daniilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Capa e diagramação: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem da capa: *O profeta Miqueias transforma espadas em enxadas (Mq 4,3),
Catedral de Notre-Dame de Amiens, século XIII.*

Impressão e acabamento: PAULUS

Os textos bíblicos são tirados da *Nova Bíblia Pastoral*, Paulus, 2014.



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-795-4

INTRODUÇÃO¹

Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito? Inimigos do bem e amantes do mal, vocês arrancam a pele das pessoas e a carne de seus ossos. Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão (3,1-3).²

O núcleo dos capítulos 1 a 3 do livro de Miqueias foi escrito em Judá, em fins do século VIII a.C., tempo em que a hegemonia do Império Assírio tornava-se cada vez mais forte, ameaçadora e destruidora para o povo de Judá: a guerra siro-e-fraimita (734-732 a.C.); o aumento do tributo para os assírios; a queda da Samaria e do reino de Israel Norte (722 a.C.); o grande número de refugiados e a crise de explosão demográfica; a invasão da Assíria (701 a.C.) etc. No âmbito nacional, “meu povo”, assim chamado por Miqueias, era explorado por fazendeiros avarentos, comerciantes fraudulentos, governantes corruptos, com a sucessiva perda de seus direitos: família, casa e terra: “Vocês expulsam da felicidade da casa as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a dignidade” (2,9).

O profeta Miqueias e seu tempo

Palavra de Javé que veio a Miqueias de Morasti, nos dias de Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, sobre o que ele viu a respeito de Samaria e de Jerusalém (1,1).

¹ Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP).

² Onde não for indicado o livro bíblico, a citação é do livro de Miqueias. Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2014.

No primeiro versículo do livro de Miqueias, o redator situa a sua atividade em três reinados dos reis de Judá: Joaão (740-735 a.C.), Acáz (735-716 a.C.) e Ezequias (716-687 a.C.). Mas, segundo a informação do livro sobre a destruição da Samaria (1,2-7: 722 a.C.) e a invasão da Assíria em Judá (1,8-16: 701 a.C.), Miqueias atuou como profeta provavelmente entre 725 e 701 a.C., no reino de Judá, no mesmo período de Isaías, quando Judá estava sendo ameaçado e devastado pelos assírios.

Miqueias, termo hebraico que pode ser traduzido por “quem é como Javé?”, nasceu em Morasti, uma aldeia no interior de Judá, perto da cidade de Gat, cerca de 33 km a sudoeste da capital Jerusalém. Esse dado é importante, porque situa Miqueias na realidade conflitiva e sofrida dos camponeses, vítimas dos grandes proprietários de terra e do exército. Por um lado, Morasti está localizada na planície de Shefelá, a região agrícola mais fértil e produtiva de Judá. Essa região, com numerosa criação de ovelhas e grande produção de trigo e cevada, sempre foi terra de conflito e grilagem que causavam sérios problemas e sofrimentos para os pequenos agricultores.

Por outro lado, Gat é uma das cidades fortificadas, na fronteira de Judá com a Filisteia, junto com Soco, Laquis, Maresa e Odolam num círculo de 10 km, para proteger a capital Jerusalém. Morasti-Gat, então, devia ser marcada pela presença constante de militares e funcionários da corte de Jerusalém, os quais cometiam crimes de abuso de poder para cobrar impostos, recrutar camponeses e extrair seus produtos agrícolas. E, na ocasião das guerras, a região de Morasti tornava-se palco de violência e pilhagem.

Exploração, grilagem, guerra, pilhagem... A história testemunha o sofrimento do povo de Morasti-Gat, Shefelá, marcado pelos vários acontecimentos internos e externos. No cenário internacional, aconteceu a expansão do Império Assírio, sob o comando de Teglat-Falasar III (745-727 a.C.), que buscou obter o domínio dos pequenos países, inclusive da Síria e da Palestina, por volta de 740 a.C. Para impedir o avanço da Assíria, Israel Norte (Efraim) fez aliança com o rei de Aram (Síria), em 734 a.C. Os dois reinos, incluindo cidades filisteias

e arameias, tentaram obter o apoio de Judá. Entretanto, Acaz, rei de Judá, não aceitou entrar na coalizão contra a Assíria. Síria e Israel Norte empreenderam guerra contra Judá.

O acontecimento histórico ficou conhecido como a guerra siro-efraimita. Foi uma guerra desastrosa para a casa e a terra do “meu povo” de Morasti-Gat, a região de Shefelá. Diante do avanço das tropas da Síria e de Israel Norte, Judá pediu proteção ao Império Assírio. A partir desse momento, Judá se submeteu e se tornou vassalo da Assíria, e passou a pagar tributos. Mais cobrança e espoliação contra a população camponesa!

Teglat-Falasar III pôs fim à insurreição dos países aliados, destruindo Damasco, capital de Aram, e tomando posse das cidades estratégicas de Israel Norte (2Rs 15,29). Em 727 a.C., após a morte de Teglat-Falasar III, seu filho, Salmanasar V (727-722 a.C.), assumiu o trono da Assíria. Nessa mudança, Israel Norte revoltou-se de novo contra a Assíria. Salmanasar V invadiu Israel Norte em 724 a.C., e sitiou a cidade de Samaria, capital do Norte. Em 722 a.C., seu filho, Sargon II (722-705 a.C.), apoderou-se da cidade e deportou parte da população para a Mesopotâmia e a Média. Foi o fim do reino de Israel Norte.

Com a queda da Samaria, começou um novo período em Judá: a) muitos israelitas da Samaria fugiram para Judá, incluindo um grupo com bons recursos. Houve novos assentamentos na área rural e grande aumento populacional nas cidades principais, como Laquis e Beersheva. Nesse período, a população de Jerusalém aumentou de mil para 15 mil habitantes. O número de assentamentos nas colinas centrais de Judá passou de 35 para 120. Na Shefelá, houve crescimento estimado de 20 para 275. Foi uma grave crise de explosão demográfica; b) com o desaparecimento do poderoso estado de Israel Norte, houve o crescimento e a expansão de Judá, especialmente por causa da intensificação da atividade econômica: azeite e vinho no mercado internacional, a indústria de cerâmica etc. Judá progrediu e prosperou.

Contudo, como sempre, o desenvolvimento beneficiava apenas os ricos e poderosos de Jerusalém. O aumento

populacional provocou uma corrida selvagem rumo a terras e casas: “Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam” (2,2). Com o aumento do comércio internacional, os governantes intensificaram a espoliação dos produtos dos camponeses. Para isso, utilizaram até a religião.

Para aumentar os recursos e o controle, o rei Ezequias fez a “reforma religiosa” (2Rs 18,1-8), promovendo um movimento de centralização: declarou, por exemplo, que cultos, sacrifícios e festas ocorressem somente no templo de Jerusalém, em nome de Javé, Deus oficial do Estado (Dt 12). Ele oprimiu e enfraqueceu os santuários do interior, centros religiosos e econômicos dos camponeses. Como resultado, mais produtos, comércio, tributos para os ricos e poderosos de Jerusalém, e, ao mesmo tempo, mais corrupção, roubo e violência contra o povo do campo (3,11).

E mais: a ambição e a ganância levaram os governantes a planejar a revolta contra a Assíria. Como preparação para a guerra, o rei Ezequias executou várias novas obras e reformas: a) um novo muro para a proteção dos novos bairros na capital; b) um canal para levar para dentro dos muros, até a piscina de Siloé, a água de Geon (2Rs 20,20; Is 22,11); o fortalecimento das cidades fortificadas, como Laquis, entre outras. Tudo isso pesou sobre a vida dos camponeses, pois demandou mais tributos, trabalhos forçados (corveia) e recrutamento militar (2,6-11). Eles foram vítimas da política militarista e expansionista.

Em 713 a.C., as cidades-Estado filisteias promoveram uma rebelião contra a Assíria, da qual Ezequias participou. Sargon II, em 711 a.C., conseguiu rechaçar e controlar os Estados rebeldes. Judá escapou desse destino porque se retirou da coligação a tempo, e mais uma vez se submeteu à Assíria, pagando pesados impostos. Todavia, os governantes de Jerusalém não desistiram de sua ambição com a política expansionista, em busca de poder e riquezas.

Em 705 a.C., morreu Sargon II, que foi substituído por Senaquerib (704-681 a.C.). Foi um momento de transição e crise na Assíria. Ezequias aproveitou-se dessa oportunidade e promoveu uma guerra contra as cidades filisteias até Gaza,

recuperando, assim, um território perdido para a Assíria (2Rs 18,8). Logo depois, ele mesmo liderou um novo movimento antiassírio, com o apoio do Egito, e fez guerra contra as cidades filisteias.

A reação da Assíria foi violenta. Em 701 a.C., Senaque-rib rechaçou o Egito, invadiu Judá, conquistou 46 cidades fortificadas, cercou Jerusalém e exigiu a rendição de Judá (2Rs 18,13-16). Todas essas guerras atingiram diretamente o povo de Morasti-Gat, uma das cidades fortificadas. O cenário era de devastação: saques, violência, destruição das famílias, casas e terras tomadas.

O profeta Miqueias viveu como camponês numa pequena vila, Morasti-Gat, em fins do século VIII a.C. A situação ia de mal a pior: violência, espoliação, presença de militares e de oficiais nas fortalezas da região, tributo, corrupção, empobrecimento, exploração e a desapropriação das terras dos camponeses. Mais guerras e devastação. As palavras de Miqueias apontam o principal gerador desses males: “Prestem atenção, governantes de Israel [...], que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade” (3,9b.10). Ambição e ganância. O grito de Miqueias foi lembrado pelos anciãos, até no tempo do profeta Jeremias, cerca de cem anos depois da morte de Miqueias: a denúncia contra os governantes que edificam Jerusalém com o sangue dos camponeses (Jr 26,1-24).

A redação e a estrutura do livro de Miqueias

O atual livro de Miqueias contém, nos capítulos 1 a 3, a pregação de um profeta judaíta, de Morasti-Gat, do século VIII a.C., sobretudo no reinado de Ezequias (Jr 26,18). É uma pregação crítica cuja força é percebida tanto no interior de Judá como na capital, Jerusalém, até nos últimos anos do reino de Judá.

Como os demais escritos proféticos, a pregação de Miqueias foi preservada e escrita por seus discípulos, e, posteriormente, relida e atualizada por outros autores, com as preocupações do tempo do exílio babilônico e da restauração. Eis os principais acréscimos:

- 1,2-7: A teofania de julgamento;
- 2,12-13: A promessa de reunião e de retomada do “resto de Israel” no período exílico ou pós-exílico;
- 4,1-5,14: A promessa de um futuro glorioso para Sião, Jerusalém;
- 6,1-7,7: Os oráculos de novo julgamento contra Israel, proclamados originalmente pelos profetas de Israel Norte e revisados e atualizados no período exílico e pós-exílico;
- 7,8-20: A nova promessa de uma Jerusalém restaurada.

Possivelmente, quem fez a atualização, o acréscimo e a organização do livro de Miqueias foi o redator deuteronomista. O grupo de escribas que trabalhava na corte da casa davídica de Jerusalém desde o tempo do rei Ezequias redigiu o livro com suas preocupações, perspectiva e teologia.

A teologia do grupo deuteronomista se baseia na Aliança entre Javé e todo o Israel. Quando Israel rompe a Aliança, por causa do pecado, Deus ameaça e castiga o povo. Mas a esperança do povo não está perdida, porque a escolha de Javé está mantida: Israel como povo eleito; Jerusalém, com o templo, como cidade santa.

Com seus conceitos teológicos, o deuteronomista redige o livro de Miqueias nos anos do exílio e nos primeiros anos da restauração, no momento em que as derrotas e as destruições se acumulam e colocam em questão a Aliança de Javé com o povo santo e a cidade santa. Contudo, o redator tem convicção de que as catástrofes que recaem sobre o povo podem ser explicadas como castigos, e não como a derrota de Javé para os deuses da Babilônia. E os castigos de Javé são aplicados como resposta aos crimes cometidos pelos governantes de Judá, com a política militarista e expansionista que centraliza o poder e as riquezas (cf. Jr 26; 28). São os mesmos crimes ilustrados e exemplificados, também, pela infidelidade de governantes de Israel Norte como Amri e Acab (6,16).

Aliança, crime (pecado), ameaça, castigo, conversão e promessa (esperança). A perspectiva teológica do grupo

deuteronomista está bem presente no conteúdo geral e na estrutura do livro de Miqueias, organizado de maneira que alterna entre julgamento e promessa:

- 1,2-3,12 (julgamento); 4,1-5,14 (promessa);
- 6,1-7,7 (julgamento); 7,8-20 (promessa).

A composição 1,2-5,14 é introduzida, em 1,2, com a ordem de convocação: “Escutem, povos todos! Prestem atenção, ó terra e tudo o que a povoa!”; e encerra em 5,14, com o anúncio da ira contra as nações: “Com ira e furor eu me vingo das nações que não me obedeceram”. A nova composição, 6,1-7,20, é também introduzida com o imperativo “Escutem”, em 6,1, e termina com a superação da ira de Deus contra seu povo (7,18-20). Na redação final, Deus julga o pecado de Israel, mas perdoa e renova a Aliança com seu povo, com a promessa de restauração e esperança.

Como ocorreu aos demais escritos proféticos, como de Amós, Oseias, Sofonias e Jeremias, o texto de Miqueias recebeu uma atualização com alusões ao desastre nacional e à restauração. A preocupação dos redatores finais não era a ordem cronológica dos oráculos proféticos, mas a mensagem de Javé para o povo do seu tempo: as catástrofes (julgamento e castigo de Deus) recaem sobre o povo por causa do pecado dos governantes. Com o reatamento da Aliança com Javé, renasce a esperança (promessa) do povo santo de Israel.

A grande intenção do redator final é animar o resto (sobreviventes) do povo para reconstruir o templo e a cidade de Jerusalém; por sua vez, ao contrário, Miqueias, profeta do povo oprimido pelos governantes de Jerusalém, não proclamaria louvor à capital. É importante situar, portanto, cada oráculo em seu devido contexto para entender sua mensagem, sobretudo para escutar o grito de quem defende e luta por terra, família e casa para produzir a vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
O profeta Miqueias e seu tempo.....	5
A redação e a estrutura do livro de Miqueias	9
PRIMEIRA PARTE –	
JULGAMENTO DE JAVÉ (1,1-3,12)	13
Mensagem.....	13
Divisão	13
Título (1,1).....	14
Julgamento contra Samaria e Jerusalém (1,2-16).....	15
Teofania de julgamento (1,2-7).....	15
Lamentação (1,8-16)	17
Julgamento (2,1-13).....	20
Contra os exploradores (2,1-5).....	20
Reação dos exploradores (2,6-7)	23
Resposta do profeta (2,8-11)	23
Promessa de restauração (2,12-13)	25
Julgamento contra a elite de Jerusalém (3,1-12).....	25
Contra os chefes e governantes (3,1-4).....	26
Contra os profetas mercenários (3,5-8).....	27
Denúncia e sentença (3,9-12)	29
<i>Para reflexão e diálogo</i>	32
SEGUNDA PARTE –	
PROMESSAS A SIÃO (4,1-5,14)	33
Contexto socioeconômico e político	33
Mensagem	36
Divisão	36
Restauração (4,1-5)	37
O resto reunido (4,6-8).....	39

As dores de parto de Sião (4,9-10)	41
A filha de Sião libertada (4,11-13)	42
O novo juiz de Israel (4,14-5,5)	43
O resto vitorioso (5,6-7)	45
Destruição (5,8-14)	46
<i>Para reflexão e diálogo</i>	48

TERCEIRA PARTE –

NOVO JULGAMENTO DE JAVÉ (6,1-7,7)	49
Contexto socioeconômico e político	49
Mensagem	52
Divisão	52
Chamada ao julgamento (6,1-5).....	52
Contra a falsa religião (6,6-8)	54
Contra os defraudadores da cidade (6,9-16)	56
Lamento (7,1-7).....	58
<i>Para reflexão e diálogo</i>	60

QUARTA PARTE –

NOVAS PROMESSAS (7,8-20)	61
Primeiro cântico: conversão (7,8-10).....	61
Segundo cântico: restauração (7,11-13)	62
Terceiro cântico: confiança no Deus do êxodo (7,14-15)....	63
Quarto cântico:	
confiança no Deus misericordioso (7,18-20).....	65
Uma palavra final	66

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
---	----